

Galo – dantes e daqui em diante

Ana Paula Guimarães

Professora Associada, IELT – NOVA FCSH, Lisboa, Portugal.

aanapguimaraes@gmail.com

Resumo:

«O galo dantes falava. Quando os Apóstolos estavam à mesa, afirmavam eles que Cristo não era Deus, e Cristo respondeu, que era tanto Deus como o galo falar; foi então que o galo disse: *Coroados*. E é ainda hoje a sua linguagem.» (Leite de Vasconcellos)

Reflectir-se-á, neste texto, sobre o galo, outrora grande conversador, hoje ora criatura de capoeira, ora entidade de campanário da igreja.

Também será considerado enquanto cantor esconjurando o mal, galador de seres também de criação, defensor da morte de indivíduo inocente e, finalmente, deus da medicina, pregador respeitado em cerimónias institucionais universitárias.

Dantes e daqui em diante, galos (e também touros) participavam e participarão em actos académicos, tais como doutoramentos.

Palavras-Chave: galo; criação; práticas medicinais; linguagem.

I – Cantar, falar, acordar

Canta l galho, yé de die

Reloijo dels namorados!

“Roro”: gravação de Anne Caufriez (Julho 1978)

O galo canta e acorda... tanto o dia como os namorados. Uma das ocorrências do galo nestes registos tradicionais. Também fala, ainda hoje, em contos populares. Ensaaiemos, neste texto, repensar este ser tão ambíguo quão ambicioso, analisado por nós em *Cuidar da Criação – Galinhas, galos, frangos e pintos na tradição popular portuguesa* (2002) e agora, ou melhor, daqui em diante, considerado enquanto ser gabarola, astucioso e, por isso mesmo, matéria de galardões.

A ver vamos. E também a escutar... vamos. Como se fosse “dantes” quando ele já falava: “Quando os Apóstolos estavam à mesa, afirmavam eles que Cristo não era Deus, e Cristo respondeu, que era tanto Deus como o galo falar; foi então que o galo disse: *Coroado*. E é ainda hoje a sua linguagem.” (Vasconcellos, 1986, p. 183)

Depois desse episódio, o galo ter-se-á tornado símbolo – tudo graças ao canto ou à fala que emite depois de morto/assado. Funcionará como um duplo (menor) de um Cristo (maior) ressuscitado da morte para salvar os homens? Esta relação entre o galo e Cristo não parece ser despropositada. Não só porque o galo anuncia, cantando, o nascimento de Cristo...

Jesus Cristo é ná...á...á...do... (Vasconcellos, 1986, p.183)

Três cantados deu o galo/ quando o Menino nasceu. (Vasconcellos, 1983, p.268)

Já nasceu o Deus-Menino/ À primeira voz do galo. (Vasconcellos, 1983, p. 292)

... como denuncia a negação de Pedro, a qual, integrando o cenário sacrificial, não conduz à morte de Cristo. No contexto popular, sobrevive a convicção: sonhar com um galo significa atraiçoar ou ser atraído.

É mau agouro cantar um galo entre a meia-noite e as três da madrugada. Onde se compreende o gesto da população em seu redor: *Galo que fora de horas canta, cutelo na garganta*. (Vasconcellos, 1986, p.187; Cascudo, 1988, p.353) Consta, para já, que se o canto do galo for emitido a “desoras” (longe da hora de trabalho), causa infortúnio.

Canta l galho, yé de die/ Reloijo dels namorados!, recomenda a canção: acordar cedo e cedo erguer. Se o canto for emitido a horas certas... esconjura o mal: *Canta o galo, foge o Diabo; o canto do galo à meia-noite faz dissolver a assembleia do Diabo e das Bruxas*. (Vasconcellos, 1986, p.186)

Associa-se o galo ao diabo num conto apresentado por Isabel David Cardigos e Paulo Jorge Correia intitulado “O carneiro, o galo e o gato”. (*Catálogo dos Contos Tradicionais Portugueses*, 2015, pp. 84-5)

Depois de terem sobrevivido a diversas peripécias e se terem deliciado com a comida dos lobos, os três amigos enfrentam-nos. O gato arranhou o lobo que se afoitou entrando em casa, o carneiro “deu-lhe uma marrada que o atirou ao chão” e o galo, de cima da estaca onde se tinha instalado, grita:

“– Cristo, se eu daqui me desço vais ver o que é o diabo.”

Todos os lobos fogem da casa que era sua. Os três amigos, gato, carneiro e galo, ainda hoje lá vivem.

Raramente se encontra o galo enquanto pretendo diabo, de forma tão convicta quão disfarçada: mau augúrio para animais aparentemente cruéis, como os lobos. Sabe-se: em contos tradicionais portugueses, raras vezes o lobo se revela malvado, pernicioso, cruel.

Atentemos agora num conto em que o galo se desembaraça de seres que o incomodam na sua boa intenção de levar à Rainha/à sua filha um vintém encontrado numa estrumeira. O lobo, a raposa, uma ribeira (“e tudo dantes falava” -- *Antologia de contos populares*, 2006, pp.37-8), um enxame de abelhas – tudo criaturas que o pretendiam morder e comer e que foram arrumadas pelo próprio galo no seu “rabinho”, recomendando sempre: “fecha a porta com um pauzinho”. A última vítima das vinganças do galo para quem no palácio o queria abater, foi “uma velhinha, muito velhinha” a quem se declarou

que fizesse “chichi para cima” do galo, no “penico” onde tinha sido colocado. E o conto termina:

“Esta hora estão as abelhas todas agarradas ao rabo da velha.”

No prefácio, Isabel Cardigos refere o episódio crucial do “engolimento e despejo” das personagens “por vias hilariantes para o mundo infantil, ainda, diria Freud, muito ligado às fases oral e anal do crescimento”. (Isabel Cardigos, 2006, p.7)

Ainda a propósito da feição exemplar dos seres da ‘criação’, cito um texto recolhido no Algarve e publicado por Ataíde de Oliveira, depois das suas considerações sobre a presença de contos na vila de Loulé: “Eu creio que Loulé desde remotos tempos tem sido a cabeça, o coração e o estômago de toda a província algarvia.” (*Contos Tradicionais do Algarve*, s/d, p.383)

Eis o texto, curto mas edificativo:

Depois do galo exercer as suas funções reprodutivas, a galinha sacode-se e o galo arroja a asa em redor da sua fêmea. Na linguagem galinácea estes dois actos têm a sua significação: a galinha quer dizer: muito obrigada.

Então o galo responde:

– Não há de quê.

II – Curar...nem sempre...

Para além de tudo a que temos vindo a assistir no comportamento do galo, verificamos agora como ele (e em outras ocasiões, a galinha) actua enquanto elo de ligação a processos de tratamento de doenças. As virtudes terapêuticas do galo (vivo ou morto) são manipuladas pelo oficiante – parcialmente (cera amarela, crista ou sangue da crista, a pedra formada no seu estômago ou fígado) ou integralmente (em caso de mordedura por animal). Por vezes, jogando com um simbolismo distinto consoante a cor – galo (ou galinha) branco ou preto.

A mutualidade entre homem e galo é atestada por um conjunto de trocas biunívocas: numa feição propiciatória (oferenda do galináceo a um santo-terapeuta e, também, quando se dá a comer ao galo o umbigo de uma criança para que ela venha a cantar bem); terapêutica (quando a pedra proveniente do estômago ou do fígado do galo funciona como um talismã, agindo contra a dor

de estômago); ou, ainda, numa dupla função, propiciatória e terapêutica (quando a crista de galo é dada a uma criança para que ela venha a falar mais depressa e deixe de urinar na cama).

Apesar do uso de galináceos na terapêutica popular, há alguma ambivalência em relação aos mesmos: o galo que canta fora de horas significa, como vimos, mau agouro (merecedor, por isso, de cutelo na garganta); no Brasil, significa, também, a «moça que foge». (Cascardo, 1988, p. 353) A galinha que canta de galo é funesta, pois atrai a morte à casa dos seus amos (Cascardo, 1988, p. 352). Assustada, sem motivo visível, a galinha anuncia visitas, boas notícias (Cascardo, 1988, p. 352). A proximidade da galinha choca a uma grávida pode fazê-la abortar (Cascardo, 1988, p. 352). Quem toca em ninho de galinha choca, arrisca a destruição de um bom negócio (Cascardo, 1988, p. 352). Os pés de galinha mereceram a excomunhão, porque espalharam as palhas do presépio de Nosso Senhor (Cascardo, 1988, p. 352). No entanto, a fricção da garganta com o sangue do pé de galinha preta cura a angina (Cascardo, 1988, p. 352). O excremento da galinha faz secar as espinhas do rosto e deve ser aplicado em dentada humana para que os dentes do mordedor caiam (Cascardo, 1988, p. 352).

As orações e os esconjuros exemplificam o valor simbólico do galo enquanto “relógio dos pobres” (Cascardo, 1988, p. 353) – chamando o dia e afugentando a noite com os seus demónios – e um dos indicadores da humanização dos territórios.

O mal é desfeito, expulso e esconjurado, com o auxílio (e em louvor) de entidades sobrenaturais invocadas no decurso do ritual, para a periferia das comunidades humanas (onde não viva alma) ou para as regiões limítrofes dos espaços habitados (onde não canta galo nem galinha). Mas também, o mal pode ser, deliberada ou aleatoriamente, transferido para um vizinho (conterrâneo), para um pobre ou para um animal. (RIBEIRO, 2013, p. 89)

Mais adiante Carlos Augusto Ribeiro afirma:

O mar, o monte ou suas imediações surgem como lugares de degredo e perdição para o mal expulso. Trata-se de afugentar o mal da cama, do lar e de todo o lugar. (RIBEIRO, 2013, p. 92)

A hostilidade dos espaços como a serra, a montanha, o alto pinheiral e o mar, “provocando sobressaltos e medo”, torna-os o “destino privilegiado de grande parte dos males esconjurados durante o ritual mágico-terapêutico.”

Evidencia-se uma fronteira clara entre os espaços humanizados – sintomaticamente, onde a mãe chama pelo filho ou chora o menino; onde cantam galos e galinhas e, por extensão, outros animais de criação doméstica – e as ditas zonas proscritas, não-

humanizadas e infecundas. Necessariamente, uma fronteira a ser velada e mantida a bem dos (frágeis) corpos, humanos e não-humanos. (RIBEIRO, 2019)

Uma das rezas, registada em *Artes de Cura e Espanta-Males* (2009), dirigida a animal que deixe de comer, evidencia um aspecto muito particular, o da ausência de “sinal de cristandade”, nenhuma referência a cantar de galo, a boi berrar, isto é, longe de evocações celestiais, religiosas/cristãs:

“*Vai-t’imbora*, mal-aventurado, no meio da serra serás deitado: não haja sinal de cristandade, nem galo cantar, nem boi berrar.” (*Artes de Cura*, 2009, pp.560-1, nº11)

Cuidemos, agora, da erisipela, atentando na importância da ausência do galo/ galos, a par da de outros animais da criação (dos quais depende o sustento das comunidades) bem como a de outros vestígios de presença humana, em áreas destinadas a captar os males esconjurados do lugar caseiro. Para “arretirar” da cara, reza a *oficiante* a “oração” enquanto “corta com uma faquinha, um pedaço de pau de figueira, às lasquinhas”:

«And’aqui (cita a parte do corpo molestada)/ «’ma vormelha!... [...] «Ê’ nã sou vormelha,/ «Sou *rosa poçonhosa* [...] *esmasolosa*.../ «...te como a carne,/ «...te bebo o sangue, / «...te roo o osso!.../ «- Assim como tu és *rosa poçonhosa*, *esmasolosa*,/ «...me comes a carne,/ «...me bebes o sangue,/ «...me róis o osso,/ «Assim com esta faquinha t’ê *hê-de* cortar./ «Raízes e ramos t’*hê-de* ‘scavacar,/ «P’rás ondas do mar t’ê *hê-de dêtar*, [...] «Donde *nã*’ oiças galo cantar, [...] «Nem pinto piar, / «Nem pai p’lo filho *brádar* [...]. (*Artes de Cura*, 2009, pp.94-5, nº84)

Recordemos ainda uma das práticas recomendadas para tratar da erisipela, besuntando a parte lesada com uma “pena de galinha embebida em azeite” (*Artes de Cura*, 2009, pp.100-1, nº100):

É particularmente recomendável o azeite da lâmpada o qual entra na constituição de muitos remédios populares, bem como a cera amarela, não curtida; a cera do *galo* ou *vela Maria*, isto é, a que, na Semana Santa, ocupa o ápice do candeeiro triangular; a água benta, sendo preferível a que se tira da pia entre a elevação da hóstia e a do cálix [recolhido em 1927].

Alberto Faria terá corroborado esta prática quando palestrou, dois anos antes, em 1925: “o galo empresta seu nome à vela mais elevada de um candelabro triangular, última que se apaga no ofício das trevas”. (Alberto Faria, 1925-1933, p.113)

Alguns “curandeiros usam nas suas mistelas [para cura da erisipela] urina, excremento de rato, pós de sardão tisonado” (*Artes de Cura*, 2009, p.101, nº100); outros esfregam “com a crista do galo preto”. (*Artes de Cura*, 2009,

p.102, nº110) É um facto: galos pretos também podem ter má reputação. Veja-se Gil Vicente em *Auto das Fadas*:

“Eu não juro, nem esconjuro.

Mas o galo negro e suro

Cantou no meu monturo.”

...e *Dona Branca* de Almeida Garrett:

“E o galo preto anunciou a hora

Fatal e encantadora...” (Alberto Faria, 1925-1933, p.105)

Em *Artes de Cura e Espanta-Males*, deparamo-nos com mais uma cura para erisipela através de “sangue extraído da crista de um galo, morto na ocasião.” (*Artes de Cura*, 2009, p.103, nº122) Sem referência à cor da ave...

Conhecemos uma interpretação curiosa de O. F. Leal que, na sua dissertação Ph.D na Universidade de Berkeley, em 1989, refere a troca dos fluidos corporais entre homem e galo (Dundes, 1994, p.260). O homem dá ao galo os fluidos do seu corpo, saliva e urina. O galo entrega ao homem o seu sangue: “Man’s fluids (food, saliva, urine) become cock’s fluids (semen and blood).”

Será sangue da crista do galo? – questionamo-nos.

Para efectivar a cura de males cutâneos, psiquiátricos ou de sistema nervoso (mau-olhado, quebranto, ciática, flato nervoso, dor de estômago e de fígado, farpão nos olhos, possanto, herpes, mal de inveja)...

são citadas fórmulas milagreiras onde é, com recorrência, declarado que o mal é deitado às ondas do mar [ao mar *còlhado*] – para onde não possa reverdecer, nem florescer – ou lançado para um lugar igualmente inóspito (como o deserto). O mar – e, por vezes, o «rio Jordão sagrado» [*Artes de Cura*, 2009, p.561, nº13] onde Cristo foi baptizado – o monte, a serra, o pinheiral ou suas imediações surgem como lugares de degredo e perdição definitiva para o mal esconjurado. (RIBEIRO, 2019)

Eis alguns exemplos:

“Vai-te, *flato norvoso*, salta *polas* unhas dos *péis*/ Lá p’ r’ aquelas bandas das águas do mar/ Aonde ã’ oïças galo nem galinha cantar/ nem ovelhas

berrar” (*Artes de Cura*, 2009, p.506, nº5), “nem mãe *polo* filho bràdar” (*Artes de Cura*, 2009, p.96, nº84), “nem sinos *tocar*” (*Artes de Cura*, 2009, p.505, nº1), “nem o menino pelo pai bradar”. (*Artes de Cura*, 2009, p.602, nº1)

Para curar a dor de estômago, recomenda-se a utilização de pedra formada “nas paredes do estômago ou no fígado dos galos e à qual se atribuíam propriedades maravilhosas.” (*Artes de Cura*, 2009, p.209, nº4) E para afastar lombrigas, unta-se a cabeça de menino com galo preto (*Artes de Cura*, 2009, p.272, nº15). Recordemos o leitor, seguindo ‘conselho’ de Alberto Faria: “o preto é a cor representativa dos feitiços.” (Alberto Faria, 1925-1933, p. 106)

Em contrapartida, para amansar meninos bravos, em algumas aldeias do concelho de Moncorvo, costuma-se, no âmbito pediátrico, oferecer um galo branco a Santo Apolinário. (*Artes de Cura*, 2009, p. 422, nº21)

E quando cai...

o *embigo* à criança, se se quer que seja habilidosa há-de meter-se no miolo do enxergão; e para a criança cantar bem, depois de o *embigo* estar alguns dias no enxergão, dá-se a comer a um galo. Se as crianças têm susto ou urinam na cama, ministra-se-lhes crista de galo, que tem a grande virtude de fazer com que falem mais depressa e não tornem a molhar a roupa. (*Artes de Cura*, 2009, p.426, nº26)

De notar a importância da incorporação de elemento do corpo de criança (umbigo) em corpo de galo ou elemento do corpo do galo (crista) em corpo de criança.

Refira-se, quanto ao valor da urina, a qualidade desinfectante atribuída por Dundes e descrevam-se as diversas situações em que surge em *Artes de Cura*. Para além do poder cicatrizante da urina (por exemplo, em frieiras), serve para lavar a picada de abelha (*Artes de Cura*, 2009, p.525, nº10). Se se tem cólicas, bebe-se urina de vaca e/ou chá de excremento de ratos (*Artes de Cura*, 2009, p.204, nº1) ou chá de excremento de galinha (*Artes de Cura*, 2009, p. 205, nº 18), também eficaz em sezões (*Artes de Cura*, 2009, p. 298, nº 52). Para prevenir cólicas do parto, aconselha-se a ingestão de caldo de galinha preta (Casculo, 1988, p. 352). Se um adulto ou uma criança tem febre, dá-se-lhe a beber uma taça de urina (*Artes de Cura*, 2009, p. 543, nº12).

Quanto a primeiros cuidados, o galo age a favor da criança: quando nasce...

mete-se num bacio com água morna e um cordão de ouro (ou argolas) e uma moeda de prata para fadar com riqueza. Lava-se a criança, dando-se-lhe a beber esta água com a mão da pessoa que a lava, vai-se dizendo o seguinte: «Água do cu lavado,/ para o (a) menino (a) não correr fado.» Liga-se a criança (barriga), com azeite puro, e ata-se,

também, a cabeça, com um lenço de três pontas. Quando o umbigo está seco e cai dá-se a comer a galo. (*Artes de Cura*, 2009, p.433, nº12)

E, de certa forma, o galo colabora com letra de canção aquando dos primeiros movimentos: para motivar crianças a falar praticam-se com elas, em regra dos 6 aos 12 meses, vários exercícios. Por exemplo, a mãe meneia o/a filho/a enquanto canta: «Tringlindim,/ Tringlindoça,/ Veio o galo,/ Quebrou a loiça!» (*Artes de Cura*, 2009, p.434, nº3)

No seu percurso pela vida, pode acontecer a uma criança (ou a um adulto) ser mordido por um animal e então, haverá que “recorrer a um galo de forma talvez mais cruel: abre-se um galo e coloca-se a carne, ainda palpitante, sobre a mordedura”. Saiba também que deve “fazer-se um golpe e sugar o sangue, para tratar a mordedura da cobra.” (*Artes de Cura*, 2009, p.524, nº58)

Este tipo de acções prova a eficácia destes curativos tanto por meio de animais, como por meio de vegetais e minerais. Vejamos como:

Os frangos, galinhas e galos foram muito utilizados em terapêutica no nosso país. O sangue dos frangos posto na testa gozou da fama curativa em certos casos, a moela da galinha igualmente utilizada. Mas estas aves ainda eram largamente aplicadas noutras condições. Os frangos e os pombos abertos em vida eram colocados nos pulsos dos enfermos ou noutras regiões, para atraírem a si a parte peçonhenta, venenosa ou pecante que originava a doença. Ainda os frangos e galinhas eram muito utilizados, recheando-os com drogas medicinais colhidas no reino mineral, vegetal ou animal e cosendo-os depois para recolher o caldo medicamentoso que era administrado aos enfermos. (*Artes de Cura*, 2009, p.559, nº4)

Há também a presença de um objecto-galo a ser oferta a Santo para curar doenças de animais:

[para evitar] a peste suína, que é tão frequente e tantos transtornos causa, [algumas pessoas] acreditavam mais na eficácia das orações do que nos remédios. Por isso, recorriam a S. Sebastião ou a Santo António com grande confiança. Além de orações, [...] prometiam a Santo António, se fossem atendidas as suas preces, um chouriço do comprimento do porco. (*Artes de Cura*, 2009, p.560. nº5)

Segundo leitura psicanalítica, remete-se o comprimento do chouriço equivalente ao comprimento do porco para a dimensão do falo, longo e eficiente... A propósito, refira-se a afirmação de Alan Dundes sobre a inexistência em Espanha e Portugal de receitas com materiais provindos de galos para a potência sexual. Inexistência? Dundes cita um caso oriundo de Brasil: “tea of cock’s spurs is recommended for sexual potency”. (Dundes, 1994, p. 253) E refere outro de origem árabe (século XIII): “If you take a cock’s blood and mix it with honey, and place it on the fire, and apply the mixture to the penis

of a man, it will increase his virile power as well as his sexual enjoyment”. Mais ainda: se uma mulher comesse os testículos do galo depois do coito, ela melhoraria as suas capacidades de engravidar.

Em *Artes de Cura*, Francisco Pinto, neurologista, escreve sobre Pedro Julião (no *Tesouro dos Pobres*) que...

indica 76 fórmulas possíveis para o tratamento da epilepsia, algumas de cunho pessoal, «infalíveis», atingindo as raízes do imaginário, misturando convicções religiosas com fetiches, preparados de plantas com produtos oriundos dos mais variados animais, reflectindo as crenças da época. Desde chifres de veado, cérebro de raposa, testículos de javali ou galo (*Artes de Cura*, 2009, p.326)

... prova de que em Portugal também há receitas com testículos de galo.

E para finalizar... reconheçamos quanto temos a aprender “com pessoas medrosas” (*Artes de Cura*, 2009, p.560, nº5), oferecendo um galo, além de várias orações, a S. Bartolomeu – agradecendo ao Santo o gesto de esfolar a própria pele, o valor do seu sofrimento e estimulando o desejo de renovação.

III – Lutar

Vimos, logo à partida, que o próprio galo “dantes” também falava e, mais tarde, apercebemo-nos de que o galo propicia a fala e o canto ao infante.

O galo canta e afasta bruxas, anuncia nascimento de Deus Menino e o renascer do dia. É um “símbolo da voz”, a primeira voz, a da manhã, “à beira do mais puro amanhecer”, segundo versos do poema “Os galos” de Ruy Belo (4ª ed. 2014, p.447).

Além de ser associado a Apolo e Esculápio (para os Persas, “afugentador dos gênios maus”, “os respectivos cantos punham em debandada os feiticeiros”) (Alberto Faria, 1925-1933, p.97), o galo também pode ser associado a Mercúrio (*Brewer’s Dictionary*, p.256) – pelo trabalho e, quem sabe, se também pelas lutas, decerto nascidas milhares de anos a. C.

Escreve Alan Dundes, no ensaio final da obra que coordena, *The Cockfight – A Casebook*: “The cockfight is one of the oldest, most documented and most widely distributed traditional sports known to man.” (Dundes, 1994, p.242)

Iniciando seu percurso antes de Cristo, na Índia, China, Irão e Grécia, até Roma e toda a Europa Ocidental, a briga de galos foi-se difundindo, dantes e hoje em dia, por diversas comunidades de todo o mundo: Inglaterra, Escócia, Irlanda, País de Gales, norte de França, Bélgica, Espanha e Portugal (Vasconcellos, 1985, p.613), ocupando lugar fundamental em Bornéu, Celebes, Java, Malásia, Filipinas, Sumatra, Bali, Caraíbas, Martinica, Haiti, Cuba, Porto Rico, Argentina, Brasil (Casado, 1988, p.354) México, Venezuela e em muitos Estados da América do Norte.

De notar o que escreve Alan Dundes remetendo para um ensaio de J. Tudela em 1959: "The cock may have come to the New World as early as the second voyage of Christopher Columbus in 1493." (Dundes, 1994, p.242)

Tendo sido banida em muitos Estados americanos, a briga de galos tem sido fonte de inspiração para numerosas obras artísticas: pinturas, poemas, romances, e contos. Escreve Alan Dundes: "Cockfighting has its own folk speech, which has led to the compilation of cockfight slang glossaries." (Dundes, 1994, p.243)

Existem em inglês uma série de metáforas utilizadas na vida quotidiana: 'to turn tail' (desatar a correr e a fugir); 'to raise one's hackle(s)' (zangar muito com alguém a quem se eriçam os pêlos das costas, tal qual um animal); 'to show the white feather' (agir cobardemente). Ser 'cocky' (pretencioso) ou ser 'cock of the walk' (alguém que se sente superior aos outros). 'Cocksure' (perfeitamente confiante).

Do léxico de 'cockfighting' faz parte a possível etimologia de 'cocktail', remetendo para 'cock ale', líquido tónico usado para fortalecer galos lutadores. Citando o estudo de O.F. Leal (1989), uma das raras mulheres a investigar esta luta, Alan Dundes remete para as palavras da investigadora quando escreve: "cockfighting is a celebration of masculinity where men, through their cocks, dispute, win, lose, and reinforce certain attributes chosen as male essence."

'Cock' significa, como vimos, 'rooster', 'gallus' e 'phallus'; ressurreição (elevação miraculosa a partir da morte, razão pela qual o galo encima torres nas igrejas) e, conseqüentemente, re-erecção.

Há muito vocabulário associado a galo/'cock' por vezes bastante discutível: em inglês, 'cock', galo e órgão sexual masculino com variantes, desde o século XIV até à época contemporânea, 'pillcock', 'pillock', 'pilkoc', 'fidecock'. (Malcolm Jones, 1991, p.194)

No Brasil chama-se ao referido órgão 'peru' ou 'pinto'. E na Alemanha, 'Hahn' significa 'galo' mas também 'torneira' e 'pénis', transmissores de líquidos fecundantes. Em português, 'galar', 'galadura' (registo algarvio), 'ser um galo'. Apelidar uma mulher de galinha, é classificá-la como fácil; um homem que é galinha é identificado como sendo pusilânime ou pederasta. (Cascardo, 1988, p. 352)

Remetendo para o *Cancioneiro Popular Português*, caberá aqui citar quadras em que o galo cumpre as suas funções sexuais, reprodutivas:

"Menina, que está na janela

Recolha-se para a *baranda*

Que *num* lhe *bá* eu fazer

Como o galo faz à franga." (Vasconcellos, 1975, p.447)

Outra quadra, mais subtil, remetendo para o erotismo do macho dentro e fora do seu território:

"Que passarinho é aquele

Que subiu p'rá oliveira?

É o galo do abade

Que fugiu da capoeira." (Vasconcellos, 1979, p.325)

Quando Alberto Faria se refere à "verve caricatural dos *mirones*" pensa em William Hogarth (*The Cock-pit*, 1759), depois menciona a "fantasia erótica" (Alberto Faria, 1925-1933, p.128) de telas como a de Jean-Léon Gerôme (*Le combat de coqs*, 1847) e, no primeiro dos casos, refere

a recíproca antipatia dos galos, cultivando com tanto esmero esse matiz de ódio inato, que os encontros de tais aves se tornam espectáculos dignos de interessar a curiosidade dos povos, até os mais civilizados, e, a igual passo, capazes de desenvolver uma ferócia, que é o germen do próprio heroísmo. (Alberto Faria, 1925-1933, p.123)



Figura 1. William Hogarth, *The Cockpit*, 1759. The Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque, Estados Unidos. <https://artsandculture.google.com/asset/the-cockpit/5wFq9p-vljYaWQ?hl=pt-PT>



Figura 2. Jean-Léon Gérôme, *Jeunes Grecs faisant battre des coqs*, 1846. Museu de Orsay, Paris, França. <https://artsandculture.google.com/asset/young-greeks-attending-a-cock-fight/LwFb6yJSxM9r7g?hl=pt-PT>

Heróicos serão os investigadores dispostos a cumprir regras de doutoramento, cerimónia institucional – surpreendentemente ligada a... seres de criação. Escutemos o problemático opúsculo de Rocha Brito, *Velhas Páginas Universitárias – Galos e Galinhas em Doutoramentos Universitários de Outras Eras* (pesquisa de Ana Luísa Gonçalves e Rita Martins da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa):

Nos Estatutos de D. Manuel I se ordena que se dê de presente aos lentes [uma galinha] em certas e determinadas circunstâncias. Por exemplo, quando o professor dava a sua

primeira aula, era obrigado a presentear cada um dos seus colegas da Universidade com uma galinha. (*Cuidar da Criação*, 2002, p.137)

Aos doutoramentos quinhentistas também se associam galos e galinhas. Já em 1545, D. João III terá mandado vir de Espanha o doutor Francisco Franco para «cantar a cantilena do galo». Reza, às tantas, a acta do doutoramento de Lourenço Vieira:

“E logo o doutor Tomás Rodrigues poz a primeira oração, que se chama *galo* e o doutor Diogo de Contreiras poz a segunda que se chama *galinha*...”

...denominando-se estas orações de cantos do galo e da galinha. Em Espanha, galo era o epíteto do doutor que tinha a incumbência de fazer o discurso panegírico do doutorando, fazendo perguntas à galinha, outro doutor, mais novo em grau.

“Pelo pomposo cantar recebia o galo a importância de doze reais.”

... ela, a galinha, nada recebia. E assim se assinalava, de facto,

“o despontar duma nova *estrela* no firmamento das ciências médicas.”

Pergunta-se o articulista, Rocha Brito:

A que propósito, numa cerimónia tão austera como o doutoramento, figura o garboso e elegante rei das nossas capoeiras de parceria com a sua consorte menos imponente mas mais saborosa, cujos caldos não fazem mal a doentes, diz o ditado, o que não é bem verdade, segundo a moderna dietética?

Não terá o facto explicação nas ofertas das ditas aves a lentes e doutores mas sim em antecedentes arcaicos. O galo terá estado ao serviço de Apolo, deus da eloquência e ao serviço de Esculápio, deus da medicina. O próprio Sócrates terá dito ao expirar:

«Ó Críton, nós devemos um galo a Esculápio. Satisfaze essa dívida.» (*Cuidar da Criação*, 2002, pp.138-9)

Recuperemos, para terminar este artigo de criação (masculina, de macho), uma imagem turística divulgada por *La Voz de Galicia* durante a Semana Santa de 2008: um galo de Barcelos (sobre o qual valeria a pena reflectir) associado a outro animal, um touro... publicitário, outrora, da bebida, hoje, de restaurante *Tourigalo*.



Figura 3. Fonte: https://www.tripadvisor.pt/LocationPhotoDirectLink-g189180-d11952623-i279225538-Restaurante_Tourigalo-Porto_Porto_District_Northern_Portugal.html

E acreditarmos que o poder do toureiro deve contagiar o poder a alcançar pelo Doutor? É verdade, segundo António Cabrita em “O planeta dos touros”:

Em 1575, o reitor da Universidade de Salamanca fez saber oficialmente que os candidatos ao doutoramento na universidade deviam correr primeiro uns touros, para assim se celebrar publicamente a excelência do grau alcançado. [...] Não é doutor quem quer mas quem pode, quem mostra possuir «sentimiento» e «corazón». (*Cuidar da Criação*, 2002, p.138)

Um ensaísta da obra coordenada por Alan Dundes, *The Cockfight – A Casebook*, o antropólogo Garry Martin, estudou a tourada na sua dissertação de doutoramento e aí ‘descobriu’ uma expressão sobre o toureiro “braver than a fighting cock” (Dundes, 1994, p.243) – comparando “cockfight” e “bullfight”. Garry Martin considera a palavra “bullfight” errada. Deveria ser substituída por *corrida de touros*, luta de humano versus animal e não dois animais, um contra o outro, como na luta de galos.

Terminemos com um poema. Sobre galos. Daqui em diante...

Os galos cantam e estou bebedíssimo.

Não fiz nada da vida senão tê-la.

Mal amei, bebi bem, sonhei muitíssimo.

Minha intenção não foi a minha estrela.

Os galos cantam e eu cada vez mais

Absorto no disperso que o álcool dá.

Curara-me talvez a vida, ou saís,

Ou poder crer, ou desejar o que há.

Cantam tantos tão galos que me irrita

Que a noite que ainda dura possa ser.

Mas virá o dia, e, ao fim da parte escrita,

A morte marra e eu deixo-me colher. (Álvaro de Campos 4/10/1931)

“O futuro já não é o que era” – escreve Pedro Mexia, na introdução ao volume GRANTA sobre Futuro. Ainda, com galos. Como dantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, A. G., Guimarães, A.P., Magalhães, M. (Eds). (2009). *Artes de Cura e Espanta-Males – Espólio de Medicina Popular recolhido por Michel Giacometti*. Lisboa, Portugal: Gradiva. (2ª ed. 2010).

Arimateia, R. (Ed.). (2006). *Antologia de contos populares – Évora, Idanha-a-Nova e Mértola*. Prefácio: Isabel Cardigos. Évora, Portugal: Câmara Municipal de Évora.

Ataíde de Oliveira, F. X. (Ed.). (s/d), *Contos Tradicionais do Algarve*, I Volume, Lisboa, Portugal: Vega.

Belo, R. (2000) *Todos os Poemas*. Lisboa: Assírio de Alvim. (4ª ed. 2014)

Brewer's Dictionary of Phrase and Fable (Rvs. Room, A.). (1999, 1st ed. 1870). London, England: Cassell and Co.

Cabrita, A. (1990). "O planeta dos touros", *Expresso*, 15 Setembro de 1990.

Cardigos, I., Correia, P (Eds). (2015). *Catálogo dos Contos Tradicionais Portugueses*, vol. II. Lisboa, Portugal: Edições Afrontamento.

Cascudo, C. (1988). *Dicionário do Folclore Brasileiro*. S. Paulo, Itatiaia, 6ªed.

Caufriez, A. (CD, 1993). *Portugal/ Trás-os-Montes, Chants du blé et cornemuses de berger*. Paris, France: Ocora Radio France.

Dundes, A. (1994). *The Cockfight – A Casebook*. Wisconsin, USA: The University of Wisconsin Press.

Faria, A. "O Galo através dos Séculos", Conferência lida no dia 30 de Julho de 1925, publicada no nº140, ano 24, Agosto de 1933, in *Academia Brasileira de Letras* (2010). Centenário Joaquim Nabuco, apresentação: Ubiratan Machado.

http://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/cap-095-antologia_da_rba_-_ubiratan_machado-miolo-para_grafica.pdf

Guimarães, A. P. (2002). *Cuidar da Criação – Galinhas, galos, frangos e pintos na tradição popular portuguesa*. Lisboa, Portugal: Apenas Livros; (2005) Lisboa, Portugal: Círculo de Leitores.

Jones, M. (1991). «Folklore Motifs in Late Medieval Art: Erotic Animal Imagery», *Folklore*, vol.102: ii.

<https://pascal-francis.inist.fr/vibad/index.php?action=getRecordDetail&idt=3740495>

Lopes, T. R. (Ed.). (2002). *Álvaro de Campos - Poesia*. Lisboa, Portugal: Assírio e Alvim.

Mexia, P. (Ed.). (2019). *Revista GRANTA – Futuro*. Lisboa, Portugal: Tinta da China.

Mourinho, A. M. (1984). *Cancioneiro Tradicional e Danças Populares Mirandesas*, 1º vol. Bragança, Portugal: Escola Tipográfica de Bragança.

Ribeiro, C. A. (2013). “Não corto carne, eu corto e retalho bicho”, *REVISTA CERRADOS*, v. 22 n. 35: Cultura popular, oralidade e performance

Ribeiro, C. A. (2019). “Mar: zona de proscrição e confinamento de males”, IX encontro da *Braspor* 2019 (no prelo)

Vasconcellos, L. de (1975). *Cancioneiro Popular Português*. Coimbra, Portugal: Por Ordem da Universidade, vol I.

Vasconcellos, L. de (1979). *Cancioneiro Popular Português*. Coimbra, Portugal: Por Ordem da Universidade, vol II.

Vasconcellos, L. de (1983). *Cancioneiro Popular Português*. Coimbra, Portugal: Por Ordem da Universidade, vol III.

Vasconcellos, L. de (1985). *Etnografia Portuguesa*. Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional, vol IX.

Vasconcellos, L. de (1986). *Tradições Populares de Portugal*. Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional.